

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

INSTITUTO DE ARTES

JENNIFER DA SILVA OLIVEIRA

GÊNERO E SEXUALIDADE:

possibilidades metodológicas no ensino formal

São Paulo

2022

JENNIFER DA SILVA OLIVEIRA

**Gênero e Sexualidade:
possibilidades metodológicas no ensino formal**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Instituto de Artes,
Universidade Estadual Paulista, como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
Licenciada em Arte-Teatro.

Orientadora: Prof. Dr. Rita Bredariolli

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

O48g	Oliveira, Jennifer da Silva, 1994- Gênero e sexualidades : possibilidades metodológicas no ensino formal / Jennifer da Silva Oliveira. - São Paulo, 2022. 46 f. Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Identidade de gênero na educação. 2. Sexo. 3. Sexo na arte. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 700.4538
------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

JENNIFER DA SILVA OLIVEIRA

Gênero e Sexualidade: possibilidades metodológicas no ensino formal

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau no curso de graduação de Licenciatura em Arte- Teatro no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, pela seguinte banca examinadora:

São Paulo, 07 de Março de 2022

Profa.Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
IA – UNESP – Orientadora

Profa.Natália Tazinazzo Figueira de Oliveira
IA- UNESP

Agradeço à Adriana, Maria Alzenir, Andreia e Amanda, as mulheres fortes que me criaram e fizeram o possível para que eu tivesse uma educação de qualidade, e o mais importante, me ensinaram que sonhar é necessário.

Aos que chegaram depois, mas que conquistaram um espaço muito importante em nossa família: Marcelo, Celso e Daniel.

Aos que nos lembraram da potência da vida e da alegria das (re) descobertas : Elias e Kamel.

Às minhas companheiras da Coletiva Maria Sem Vergonha com quem eu pude vivenciar a prática feminista e educacional, inclusive, acho que esse trabalho só existe porque nosso encontro aconteceu.

À Luana, minha irmã da vida. Ao Gabriel, meu grande parceiro. Sempre abertos a me ajudar e a ouvir minhas inquietações em relação à escrita e rumos deste trabalho.

Ao Kleiton, que me inspirou através de seu depoimento.

E claro, um muito obrigada à minha orientadora Rita, que me acompanha desde a iniciação científica e com quem pude aprender muitíssimo durante estes anos de graduação.

Resumo

A presente pesquisa busca apresentar a importância de incorporar temas como gênero e sexualidade dos currículos, tendo como inspiração a Ley de Educación Sexual Integral (ESI) sancionada na Argentina em 2006. A partir da experiência relatada em entrevista por uma professor de uma escola pública municipal da cidade de São Paulo, também foram relatadas quatro atividades elaboradas com este foco.

Palavras Chave: Gênero; Sexualidade; Educação.

Abstract

This research seeks to present the importance of incorporating themes such as gender and sexuality from curricula, inspired by the Ley de Educación Sexual Integral (ESI) sanctioned in Argentina in 2006. From the experience reported in an interview by a teacher of a municipal public school in the city of São Paulo, four activities elaborated with this focus were also reported.

Keywords: gender; sexuality; education.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	7
2. Corpo e Escola.....	11
2.1 - Divisão dos Espaços Escolares.....	11
2.2- Binariedades no ensino.....	15
3. Da teoria à prática : propostas acerca da temática de gênero e sexualidade.....	18
3.1- Registro.....	20
3.2 - Considerações acerca das atividades.....	23
4. A partir da experiência: para onde podemos ir?	27
5.Considerações Finais.....	31
Referências.....	32
Apêndice.....	34

“O sonho é sonho porque, realisticamente ancorado no presente concreto, aponta o futuro, que só se constitui na e pela transformação do presente.” Paulo Freire

1.Introdução

Este trabalho pretende abordar a importância de incorporar ao currículo escolar os debates sobre gênero e sexualidade, partindo do entendimento de que a escola é um ambiente que deve refletir a sociedade em sua forma mais diversificada, e colaborar para a incorporação de valores como o respeito e a liberdade de expressão. Em tempos em que são notáveis as tentativas de que a escola se torne, cada vez mais, uma instituição de reprodução dos valores da família tradicional cristã, que é regida pela lógica patriarcal e heteronormativa, parece fundamental lutar pelo direito de crianças e jovens ao acesso à informação e uma educação libertadora.

Em 2018 tive a oportunidade de participar do *2º Encuentro Latinoamericano de Feminismos* (ELLA), que aconteceu na Universidad Nacional de La Plata (Argentina). Neste encontro me deparei com um debate latente sobre a *Ley de Educación Sexual Integral* (ESI), lei sancionada na Argentina em Outubro de 2006, para garantir o direito de crianças e adolescentes a receber educação sexual integral nas escolas públicas e privadas, compreendendo não só os aspectos físicos da sexualidade, mas também aspectos sociais, psicológicos, afetivos e éticos.

Além de ver diversas jovens no Encontro vestindo camisetas da ESI (demonstrando uma atitude militante em defesa da lei), também me deparei com uma enorme quantidade de livros que uniam Gênero e Educação¹, inclusive (e o que mais me chamou atenção), livros com compilados de exercícios para que docentes possam trabalhar as temáticas em sala de aula, indicando também materiais que podem ser utilizados a partir de qual aspecto será trabalhado: estereótipos de

¹ Como por exemplo, os livros *Infancias Libres. Talleres y actividades para educación en géneros*, escrito por Cecilia Merchán e Nadia Fink, e *Género y diversidad en la escuela*, escrito por Gabriela Laralde

gênero; homoafetividade; desconstrução da heteronormatividade; dentre outros. No momento, me veio à mente a dúvida de como o Brasil têm lidado com as mesmas questões e qual é a nossa história em relação à educação sexual. Por isso, neste trabalho buscarei entender melhor nossa trajetória, avanços e retrocessos em relação ao tema.

A reverberação de tal encantamento me atravessou através de perguntas, como por exemplo: como o Brasil tem lidado oficialmente com esse debate? Como as questões de gênero e sexualidade estão presentes no cotidiano escolar? Por que é função da escola falar sobre isso? Em quais materiais docentes têm se apoiado para conversar com estudantes sobre seus corpos e sexualidades?

Esse encontro e todas as perguntas geradas a partir dele, reverberaram na pesquisa de iniciação científica que eu realizava naquele momento. Foi a partir desse ponto que comecei a me aproximar de documentos oficiais como o PCN (Parâmetros Nacionais Curriculares) e da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Através do contato com tais documentos e do estudo da bibliografia relacionada, percebi que há uma lacuna na nossa história em relação ao que até então era chamado de Educação Sexual, nomenclatura utilizada para definir oficialmente algo que se aproxima mais do debate do corpo e da sexualidade na educação, ainda que haja divergências em relação ao seu uso.

Quando digo que há uma lacuna, me refiro ao fato de o PCN de Orientação Sexual ser elaborado a partir de um ponto de vista de ruptura à Educação Sexual defendida e executada nos anos 20 e 30 do século XX, que era construída a partir de referenciais higienistas e eugenistas (CÉSAR, 2009,P.50). Essa ruptura é marcada inclusive pela escolha de mudar o nome Educação Sexual para Orientação Sexual, o que foi usado de maneira inadequada, uma vez que orientação sexual se refere ao desejo afetivo-sexual de uma pessoa em relação a outra. Apesar de defender a continuidade do uso “*educação sexual*”, Jimena Furlani aponta que “o mais importante, talvez, não seja a nomenclatura que a reflexão da sexualidade assume no trabalho com crianças, jovens ou adultos, no âmbito da escola” (ano, p.44), mas sim o que de fato será abordado e irá direcionar esse espaço de debate e reflexão.

Apesar de todos os debates acerca da elaboração de tal documento, passados mais de vinte anos de sua elaboração, não houve uma mudança

significativa na abordagem das questões pertinentes ao gênero e a sexualidade dos indivíduos no contexto escolar. O que se confirma ao vermos os números do recente estudo realizado pela organização Todos Pela Educação, que mostram que no Brasil cerca de 26,1% das escolas possuem programas de combate à homofobia, e apenas 15,8% têm programas de conscientização sobre o machismo. Esses dados mostram que ainda há um longo caminho a ser trilhado para alcançar por meio da educação as equiparações sociais que precisamos para a construção de uma sociedade mais justa.

Ao mesmo tempo em que se tenta avançar na implementação do debate sobre gênero e sexualidade nos currículos, grupos conservadores, como o Escola Sem Partido, por exemplo, tentam barrar esse avanço, usando argumentos de que tais assuntos devem ser discutidos apenas no âmbito da família, e que a escola deve representar os interesses desta. O grupo ficou conhecido por difundir o termo “ideologia de gênero” usado de maneira pejorativa e mal contextualizada (propositalmente) para tratar de assuntos pertinentes aos estudos de gênero, feminismo e ao combate à homofobia, quando na verdade:

‘a ‘ideologia de gênero’ é uma invenção vaticana. Um objeto construído e evidenciado pelo discurso que o denuncia. Um sintagma, um neologismo, um rótulo estigmatizante um *slogan*, categoria política forjada para operar como arma retórica e para animar mobilizações em favor de um projeto de sociedade regressivo, antidemocrático e anti laico.” (JUNQUEIRA, 2019, p. 139)

Essa estratégia é utilizada para controlar e intimidar docentes através dos conteúdos que poderão ou não ser mencionados em aula. Como pontuado por Junqueira, é mais uma ferramenta para manter um projeto de sociedade que contempla apenas uma parte da população e exclui todas pessoas que não se encaixam dentro deste modelo.

Tendo em vista o mencionado até esse momento, através desta pesquisa, busco reafirmar a importância de um ensino diversificado, que contemple e inclua diferentes formas de viver e se posicionar no mundo. Entendo este trabalho como uma continuidade do já iniciado através da iniciação científica intitulada Gênero, Sexualidade e Educação: Possibilidades Metodológicas no Ensino Formal.

Na tentativa de responder tais perguntas busquei conversar com docentes que através de suas práticas buscam tirar da invisibilidade os assuntos que tangem o corpo, gênero e sexualidade, criando espaço para que a sala de aula possa ser um espaço de desconstrução de ideias pré concebidas e tidas como verdade única. Ao longo da entrevista realizada foram abordadas questões como o que levou estes docentes a incorporar tais debates ao seu planejamento, qual é o caminho de formação nos estudos de gênero e sexualidade que cada um trilhou.

. No primeiro capítulo serão abordados aspectos sobre o corpo na escola, desigualdade, reafirmação dos estereótipos de gênero na escola, e possibilidades de ruptura. Neste capítulo, teremos como referência especialistas no tema, como Guacira Lopes Louro e bell hooks. No segundo capítulo, serão relatadas as atividades realizadas pelo docente Kleiton Ferreira de Oliveira na escola municipal em que trabalha atualmente. Além do relato, farei considerações sobre cada uma delas, dialogando com as referências bibliográficas. No terceiro capítulo será elaborada uma conclusão relacionando as duas primeiras etapas do trabalho.

2. Corpo e Escola

Este capítulo é dedicado ao debate sobre o espaço do corpo na escola, e em como as divisões dos espaços e interesses das pessoas estudantes ocorrem de acordo com suas identidades de gênero e orientação sexual. O tabu e a repressão de tudo que tange a sexualidade das crianças e adolescentes também é um tema que será abordado. Em contrapartida, veremos iniciativas e apontamentos que visam romper com esta lógica pré estabelecida e muitas vezes pouco questionada.

2.1 - Divisão dos espaços escolares

Salas de aula, biblioteca, pátio e quadra de futebol são espaços que constituem a maioria das escolas. A ocupação desses espaços e os comportamentos que se manifestam em cada um deles dizem muito sobre as estruturas sociais existentes - como o machismo, o racismo, a homofobia - e como elas se apresentam e se reafirmam desde muito cedo na vida das pessoas. Iniciei as pesquisas que relacionam gênero e educação - principalmente no ensino formal - através da iniciação científica realizada entre 2018 e 2019, desde então entrevistei docentes e estudantes para falarem sobre suas experiências e percepções de acordo com esse recorte. Uma das observações que docentes fazem constantemente como sinal da divisão dos espaços conforme o gênero, é a ocupação masculina da quadra de futebol. Fica muito perceptível como os meninos se apropriam desse espaço como se fosse óbvio que é um espaço masculino, e portanto, que as meninas não podem adentrar. Quando são questionados do porque adotam essa atitude, são muitas as argumentações apresentadas. Kleiton aponta que na escola em que trabalha hoje é muito frequente escutar dos meninos que “eles têm mais direito porque eles sabem o que estão fazendo”.

Além de não deixarem ou não quererem compartilhar o espaço com as meninas, muitas vezes, os meninos adotam comportamentos extremamente agressivos para defender seu posicionamento, o que é tido, inclusive, como um comportamento natural e passível de compreensão. É importante levar em consideração que não são todos os meninos que se identificam com tal comportamento, e os que se sentem excluídos de tais padrões de masculinidade

não ficam à vontade (e muitas vezes nem fazem questão) em ocupar esses espaços.

A escola que opta por se omitir de uma situação como esta, passa a normalizar o pensamento de que os gostos e os comportamentos dos seres humanos estão atrelados ao seu gênero, e não às construções sociais. Ainda que hoje exista uma importante difusão do discurso feminista e vejamos algumas mudanças nesse sentido, percebe-se que ideias sexistas seguem muito presente na vida das pessoas, as quais reproduzem tais comportamentos sem ao menos questionar de onde vieram.

O espaço escolar tem a potencialidade não só de normalizar alguns comportamentos como de os produzir, como destacam BARBOSA e CARVALHO ao analisarem aspectos do surgimento da escola e da pedagogia durante o período da Revolução Industrial, que

ao serem pensadas para a educação das massas e para o controle dos saberes, a partir de tais períodos históricos, organizam e inventam saberes sobre e para os indivíduos com a vontade de capturá-los, produzindo verdades a respeito de seus desenvolvimentos. (2006, p.371)

Estas verdades que produzem sobre os indivíduos, sobre quais comportamentos e modos de vida são legítimos ou não, possuem uma direta relação com os interesses políticos e econômicos de cada país. Além disso, dizem respeito sobre quais subjetividades devem ser construídas e mantidas através do espaços escolares, que ao contrário do que parece “não são neutros, mas produzidos através de investimentos, movidos pelo caráter disciplinar e ordenador das instituições escolares” (BARBOSA e CARVALHO, 2006, p.374).

Não só acadêmicos discorrem sobre o caráter disciplinador da escola, sendo associado inclusive à estrutura carcerária, essa comparação se imprime também no imaginário popular, muito bem expresso na letra da canção de Aryani Marciano², onde ela relata a vida de um rapaz negro e periférico que foi morto a tiros não se sabe ao certo por quem. Aryani refaz a trajetória de vida do rapaz para tentar

² Aryani Marciano é artista periférica de São Paulo, ela é cantora, compositora e instrumentista independente. A música referenciada pode ser acessada através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=KaGmf-i6ROo>

compreender o que pode ter acontecido e inicia dizendo que “sua primeira cadeia foi a própria escola preso na carteira, preferiu ir embora...” (2022)

Esse trecho marca bem o que acontece com os corpos que não se conformam com tal disciplinamento, e preferem seguir marginalizados do que estar em um espaço que lhes pede algo que não podem alcançar e/ou com o qual não possuem afinidade nenhuma. O trecho impacta porque apesar da crítica feita por Aryani Marciano não ter relação direta com a questão de gênero e sexualidade, e sim com questões de raça e classe, essas diferenças possuem o mesmo objetivo de segregar quem é lido como diferente e possuem intersecções entre elas.

A letra da canção me faz elaborar novas perguntas: Como uma estrutura escolar tão rígida e feita para excluir pode ser pautada para desconstruir diferenças de gênero? Será que existem brechas para que esse modelo de escola possa ser diferente?

Posto isto, LOURO aponta que para docentes,

importa saber como se produzem os discursos que instituem as diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículo e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades destinos e restrições a sociedade lhes atribui.” (2013, p.49)

Uma vez que estas perguntas estão sendo feitas e se cria a percepção dos mecanismos utilizados pelas instituições para reforçar essas diferenças, a escola pode ser vista como um local onde se incentiva a elaboração de perguntas e não como o lugar onde se obtém respostas prontas, uma vez que estas respostas não só não contemplam como excluem grande parte da população e seus diversos modos de vida. Claro que isso sugere uma mudança significativa nas metodologias e referências utilizadas pelas escolas hoje, além de uma mudança do ponto de vista que será utilizado para mediar a relação das crianças e adolescentes com os mundos existentes, já que este é um dos primeiros espaços de inserção na vida pública, se considerarmos que a família compreende a esfera do privado. É o momento em que a criança descobre ou deveria descobrir que existem formas de ver e viver o mundo diferentes das que ela experiencia no seu contexto familiar, e aqui entende-se como família não só a família constituída por pai, mãe e filhos (família nuclear), e sim qualquer configuração de família existente. Inclusive, apenas

a possibilidade de abordar os diversos tipos de família existentes, já demonstra a diversidade à qual fazemos parte enquanto sociedade. Apesar da família nuclear ainda ser tida como referência do que é ideal, grande parte das crianças não vivem essa configuração familiar. São exemplos disso, as famílias monoparentais, homoafetivas, binucleares, reconstituídas, dentre outras³.

Nesse sentido, é essencial que valores como a tolerância e a valorização da diversidade estejam no centro da elaboração do currículo escolar, para que de fato, currículos sem preconceitos (hooks, p., ano), se tornem viáveis. Segundo Paulo Freire:

“A tolerância não significa de maneira nenhuma a abdicação do que te parece justo, do que te parece bom e do que te parece certo. Não, não, o tolerante não abdica do seu sonho pelo qual luta intransigentemente, mas respeita o que tem o sonho diferente do dele.” (FREIRE, 2011, p.40)

A escola que exclui quem é visto como diferente, que reitera o discurso de que meninos são de tal jeito e meninas são de outro e que isso não é algo questionável, que escolhe assumir a perspectiva de quem oprime, atua na contramão do que defende Freire. Em muitas situações, a diversidade, ao contrário do que deveria, é vista como algo negativo e que necessita correção.

Em contrapartida, Louro adverte sobre as “assimetrias implícitas na ideia de tolerância”. Segundo ela,

Associada ao diálogo e ao respeito, a tolerância parece insuspeita quando é mencionada nas políticas educativas oficiais ou nos currículos. Ela se liga, contudo, à condescendência, à permissão, à indulgência - atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior. A tolerância parece se inscrever, assim, numa ótica mais psicológica e individual e, como consequência, a meta consiste na mudança de atitude. (p.50, ano 2013)

De volta à situação da quadra de futebol mencionada no início do texto, as meninas que reivindicam este espaço e fazem com que seja necessário refletir e mudar a lógica de uso do mesmo, não ajudam a alterar somente a lógica de uso do

³ Para saber mais: <https://escoladepaisgrandefloripa.org.br/configuracoes-familiares-atuais/>

espaço, mas também alteram o curso das experiências que atravessarão seus corpos durante uma fase importante de suas vidas. Essa situação revela o quanto a escola pode exercer poder sobre os corpos, uma vez que dependendo de qual será o seu posicionamento frente a uma reivindicação como esta, as meninas podem ganhar uma experiência com determinada atividade ou serem ainda mais afastadas dela.

No caso da escola em que trabalha Kleiton, o professor de educação física teve que determinar os dias que cada um ia usar a quadra, trazendo penalidades para a própria aula de educação física, como por exemplo, quem atrapalhasse as meninas a jogar ficaria sem participar da educação física. Essa foi a forma com que o professor conseguiu lidar com a situação, na tentativa de democratizar o uso do espaço. A legitimação do motivo do descontentamento das estudantes e a abertura para propor novas soluções por parte da escola, faz com que estudantes possam expressar suas dúvidas e angústias, e lançarem perguntas sobre as estruturas sociais existentes e como estas afetam cada pessoa presente no espaço escolar.

2.2 Binariedades no ensino

Outro aspecto importante a ser observado é a insistência em reafirmar a dicotomia da relação entre corpo e mente, que possui a mesma origem e ideia do falso binarismo entre razão e emoção. Esse binarismo tende a hierarquizar uma característica em detrimento da outra. Tudo que é associado ao corpo, à emoção, aos afetos é tido como inferior, como uma fraqueza. Tudo que é associado ao intelecto, ao uso da “razão”, é considerado nobre. Essa divisão também encontra um lugar de associação ao gênero, se é menino tende a usar mais a razão, se é menina tende a usar mais a emoção. Esse é um estereótipo que apesar de ser usado ideologicamente, e não encontrar apoio científico, segue sendo utilizado para enquadrar e determinar os comportamentos.

Na escola se busca reafirmar essa superioridade do intelecto em relação ao corpo e as práticas corporais, sendo concebido assim um processo de apagamento e/ou uma padronização dos corpos. Por isso, bell hooks afirma que “as pessoas entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e

não o corpo” (2018, p.253). Nesse sentido, se busca uma neutralidade do corpo da pessoa docente, um corpo que não expresse características acerca da sua sexualidade, do seu modo de viver, e que em relação ao gênero, esteja mais conforme ao padrão possível. Posto isto,

Chamar a atenção para o corpo é trair o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam, em geral brancos e heteros. (hooks, 2018,p.253)

Como ela pontua, essa neutralidade diz respeito mais uma vez a hegemonia imposta pela cultura ocidental, que tem em seu centro o homem branco e heterossexual.

Em relação à presença do afeto e da emoção em sala de aula, são características, muitas vezes, pouco valorizadas e consideradas inferiores. Quanto mais alto o nível de desenvolvimento das pessoas estudantes, menos a presença do afeto é bem vinda. O conhecimento é tratado como algo que tem pouca ou nenhuma relação com as nossas vidas pessoais.

O oposto desse afastamento é demonstrado quando Kleiton, ao falar sobre as atividades que veremos no próximo capítulo, diz que abrir os canais de comunicação a respeito das questões de gênero e de sexualidade, propiciou uma maior confiança entre estudantes e docentes, e também uma maior liberdade para fazerem perguntas e tirarem dúvidas acerca do tema. Isso se expressa, quando no final das atividades LGBTQIA+ um estudante pergunta qual é a sua sexualidade e ele consegue responder sem receio, porque era algo que ele próprio se questionava sobre qual resposta daria se alguém o perguntasse. Essa situação expressa o quanto docentes não são preparados para estarem de corpos presentes nas salas de aula, mas ao mesmo tempo demonstra que é possível quebrar esse tabu e fazer deste um espaço onde os corpos podem se expressar livremente, respeitando a sua história e suas paixões.

Em outro momento da entrevista, Kleiton aponta que se sentiu mais entusiasmado com o REI (Roteiro de Estudos Interdisciplinares) LGBTQIA+ por uma

questão de *locus* social⁴. Mais uma vez é a paixão que está presente. Porque há paixão em se sentir reconhecido dentro de uma história, em poder falar sobre o grupo social ao qual você pertence. A paixão se expressa no rompimento de um silêncio de longa data e na possibilidade de falar sem sofrer represálias, sem sentir culpa. Porque é importante que as pessoas se vejam no que é ensinado, porque o conhecimento não é algo a parte da vida, mas sim uma grande parte dela. A diferença é se o ensino é inclusivo ou excludente. Reivindicar uma maior diversidade e pluralidade de vozes dentro das salas de aula, é também reivindicar que as pessoas possam se sentir afetadas e terem a paixão como parte essencial do processo de aprendizagem.

⁴A palavra locus tem sua origem no latim e significa lugar, posição ou local. O *locus* social diz respeito ao lugar que cada pessoa ocupa na sociedade, o que está relacionado a características como sua classe social, gênero, orientação sexual, raça, dentre outras características.

3. Da teoria à prática: propostas acerca das temáticas de gênero e sexualidade

Neste capítulo serão apresentadas quatro atividades criadas por docentes de uma escola municipal da cidade de São Paulo com o intuito de debater e sensibilizar as pessoas estudantes sobre desigualdade de gênero, movimento e direitos da população LGBTQIA +. As propostas foram relatadas e organizadas a partir de entrevista feita com o professor da escola em questão, Kleiton, já mencionado no capítulo anterior, que participou ativamente da elaboração e efetivação de tais propostas.

A busca por atividades realizadas nas escolas, foi motivada pelo desejo de descobrir o que se cria através dos saberes advindos dos movimentos sociais, feministas, das mídias alternativas, e da academia. O que se compartilha e ajuda a mudar o contexto das pessoas que frequentam a escola, porque muito se fala sobre feminismo, sobre a necessidade de alterações do sistema escolar para que seja mais inclusivo e diversificado, porém, quais são as estratégias utilizadas na prática? Quais são os desafios que docentes enfrentam no cotidiano para que seja possível a criação de atividades como as que veremos a seguir?

Em seu texto *Educação Feminista Para Uma Consciência Crítica*, bell hooks faz uma crítica à academização do pensamento feminista, que em determinado momento⁵, após muitos anos de lutas e avanços, se restringiu à uma disciplina e um campo de estudo, sem necessariamente impactar na mudança dos currículos da educação básica e conhecimentos para a população em geral. Ela aponta que “movimentos feministas futuros precisam necessariamente pensar em educação feminista como algo importante” (p. 46, ano)

O apontamento de bell hooks vislumbra a possibilidade de um feminismo popular, que alcance as pessoas nos seus cotidianos e não seja algo longínquo, e que essa proximidade quebre barreiras e preconceitos acerca desse movimento feito pelas mulheres para explicar e propor soluções à opressão baseada no gênero. Por isso, ela coloca a escola como um importante lugar de conscientização. Sendo assim,

⁵ Bell Hooks usa como referência o surgimento da disciplina de Estudos das Mulheres, que surgiu em universidades dos Estados Unidos.

Ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para ensinar a todo mundo sobre feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permanecesse como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que aprendem é negativa. Ensinar pensamento e teoria feminista para todo mundo significa que precisamos alcançar além da palavra acadêmica e até mesmo da palavra escrita.” (p.47, 2018)

Apesar da ênfase dada ser no feminismo, que abarca parte das questões que são pautadas nesse trabalho, o que me chama atenção é justamente a aposta de trabalhar determinados conteúdos na educação, tendo o espaço da escola como aliado das transformações reivindicadas pelos movimentos que lutam contra as diversas opressões que podem ser vivenciadas por diferentes grupos sociais. Também me toca o fato de pensar possibilidades de transformar em prática os conhecimentos que estão sendo produzidos. Por isso, me parece importante registrar os trabalhos feitos nas salas de aula, para que não se percam e para que se crie uma rede de apoio entre docentes que buscam trabalhar determinados conteúdos e não sabem como começar. Saber do trabalho realizado por outras escolas, pode inspirar e criar conexões que nem sabíamos que existiam.

Nesta escola, especificamente, contexto ao qual possibilitou tal elaboração foi um momento previsto no calendário escolar, chamado Roteiro de Estudos Interdisciplinares (REI), este momento altera o cotidiano da escola por determinados dias, e possibilita que professores de diversas linguagens trabalhem em conjunto, trazendo diferentes perspectivas sob uma mesma temática. Este trabalho é feito com o Ensino Fundamental II, que corresponde a estudantes do 6º ao 9º ano com faixa etária de 12 aos 15 anos de idade. Kleiton aponta que o que traz respaldo e torna possível trazer ao debate questões como as levantadas no REI é o Plano Político Pedagógico da escola, que cita pontos relativos aos direitos humanos e à questões sociais, abrangendo temáticas como as desigualdades geradas pelas questões de gênero, orientação sexual, raça e classe.

A seguir as atividades serão relatadas em três partes: A descrição de como foi conduzida; o objetivo que cada uma delas tinha em sua proposta inicial; e por fim, a análise e assimilações feitas por mim em diálogo com as percepções descritas por Kleiton e com as referências bibliográficas.

3.1 Registro

Atividade 1

Esta atividade foi realizada no primeiro REI em que Kleiton pôde participar, logo quando chegou na escola. A temática foi feminismo e a desigualdade de gênero na sociedade. Foi neste espaço,

que as meninas apresentaram isso sobre a desigualdade em relação ao uso da quadra⁶. Porque até então, eu não tinha dimensão de que isso acontecia, porque como é o horário de intervalo, e eu também tô no horário de intervalo nesse momento, eu não tinha conhecimento disso. Eu tive pelo relato delas, que na abertura para falar sobre desigualdade entre homens e mulheres elas se localizaram muito dentro do espaço escolar, dentro da desigualdade e onde elas não conseguiam ocupar da mesma forma, com o mesmo aproveitamento que os meninos. (FERREIRA, 2021, Informação Verbal)

1. Descrição

Depois de debatidos pontos como os citados por Kleiton, as pessoas estudantes foram separadas em grupos, onde deveriam escolher coletivamente uma situação em que se apresentam desigualdades como a mencionada acima (situação problema) e apresentar uma solução para ela, que seria mostrada ao longo da própria cena.

2. Objetivo

A proposta tem por objetivo que estudantes identifiquem e questionem práticas de desigualdade em seus cotidianos. Esse espaço permite que se vislumbre possíveis soluções e a criação de imaginários para uma vivência diferente, possibilitando que estudantes sejam protagonistas das propostas e possíveis mudanças.

⁶Assunto abordado no capítulo anterior.

Atividade 2

1. Descrição

Para esta atividade foi necessária uma organização prévia à chegada das pessoas estudantes. Cadeiras foram espalhadas durante toda a sala com placas coladas em cada uma delas. Estas placas tinham escritos nomes de orientações sexuais como: gay, lésbica, bissexual. A única orientação sexual que não tinha em nenhuma cadeira era a heterossexual. Ao chegar na sala, as/os/es adolescentes deveriam escolher uma delas e sentar. A cadeira escolhida seria a utilizada pelos estudantes para passarem o resto do dia e realizarem as próximas atividades.

2. Objetivo

O objetivo de tal atividade era provocar com a finalidade de debater a importância de temas como o lugar de fala e representatividade. Duas perguntas motivaram sua elaboração: Um nome em uma cadeira define quem você é? Você, que se identifica como heterossexual, sentiu falta de uma cadeira correspondente?

então se você sentiu falta disso, você entende o que é a representatividade na sua raiz, na veia, porque se você não está se sentindo representado porque a sua sexualidade não está aqui marcada a gente também tem que saber entender o quanto a representatividade é importante para as outras pessoas que não se enquadram dentro da sexualidade hegemônica⁷. (OLIVEIRA, 2021, informação verbal)

Atividade 3

1. Descrição

⁷ A palavra hegemônica foi acrescentada por mim como forma de finalizar a ideia exposta por Kleiton.

Nesta atividade, as pessoas participantes foram convidadas a desenhar, a partir de seu próprio imaginário e experiência, uma pessoa LGBTQIA+.

2. Objetivo

O objetivo da atividade era debater e questionar os estereótipos existentes e pontuar que apesar de nossas diferenças enquanto seres humanos, temos muito em comum, e todas as pessoas merecem respeito.

ATIVIDADE 4

Descrição

Nesta atividade foram elaborados jogos de tabuleiro a partir das informações e conhecimentos gerados ao longo das demais atividades. Os jogos foram construídos a partir de marcos históricos de conquistas da população LGBTQIA, um referencial muito citado foi A Revolta de Stonewall⁸. Ao acertar algum desses marcos, a pessoa que está jogando pode avançar um número específico de casas, ficando mais perto do final da trilha. Se sair na sua rodada algo que prejudique a aquisição de direitos ou que seja de caráter homofóbico você deve retroceder casas no jogo, ficando mais longe do final.

Objetivo

⁸ A revolta de Stonewall ocorreu em 1969 em resposta ao assédio policial sofrido por frequentadores de um bar LGBTQIA+ em Nova York.

Para a elaboração dos jogos, as pessoas estudantes devem não só recorrer aos conhecimentos vistos ao longo das atividades, mas também buscar novas informações complementares às já vistas coletivamente, o que estimula a curiosidade e estimula a pesquisa. Além disso, de forma criativa o jogo reitera pontos positivos do discurso pró direitos LGBTQIA +, ao mesmo tempo que mostra que práticas homofóbicas são retrocessos que não devem ser repetidos.

3.2 Considerações acerca das atividades

Essas atividades e os momentos relatados pelo professor Kleiton, me fazem perceber que é possível criar brechas de momentos menos rígidos no cotidiano escolar, que podem ser usados para desconstruir preconceitos. Momentos onde seja possível aprender a partir de perguntas e questionamentos. Essas perguntas são criadas não só pelas pessoas estudantes mas também pelo corpo docente, que está disposto a elaborar atividades para além do seu eixo curricular e que não necessariamente dominam. A atividade,

“não fez que apenas os alunos aprendessem, mas muitos dos professores, inclusive eu, que tava numa faculdade de artes, inserido nessa discussão mas não tinha conhecimento tão aprofundado sobre muitos pontos específicos dessa temática. Então acho que isso abrangeu muito a gente conseguir discutir e aprender em conjunto porque foi trabalho de aprendizagem coletivo e foi isso eu achei mais proveitoso ainda.” (OLIVEIRA, 2021, informação verbal.)

O processo de aprendizagem se torna vivo porque os próprios docentes se permitem acessar um conhecimento novo e atualizar as informações que possuem sobre as pautas de gênero e sexualidade. Então ao trocar esse conhecimento com as pessoas estudantes, que também já possuem suas percepções acerca do tema, se celebra um momento de aprendizagem conjunto.

Esse momento de reinventar e atualizar constantemente nossas certezas, que já não são tão certas assim, é próprio da época em que vivemos, onde os sujeitos buscam compreender melhor suas identidades e se dissociar de padrões que já não lhe são suficientes. A figura do professor foi construída sob a ideia de alguém que detém todos os conhecimentos e sabe a resposta para todas as perguntas, um imaginário um tanto autoritário, que necessita de reinvenção. Quando Kleiton relata o engajamento, dele e da equipe da qual faz parte, no processo de aprender para criar as atividades acima, vejo totalmente o oposto desse imaginário de professor inflexível. Através do relato fica perceptível a paixão, o engajamento, e o encantamento das descobertas nascidas nesse processo.

Sobre as atividades, é interessante perceber que elas foram elaboradas de maneira que existe um diálogo bem fluido entre o imaginário e o repertório já conhecido e vivenciado pelas pessoas estudantes e as informações que são trazidas pela equipe de docentes. Esse diálogo é bem presente nas atividades 1 e 3, por exemplo, em que o ponto inicial é saber o que cada um vive, pensa e conhece sobre os temas propostos. Na atividade 1, como Kleiton pontua, as meninas encontraram por meio do que vivenciam no próprio cotidiano escolar a compreensão do que é a opressão baseada no gênero. Foi a partir dessa compreensão, que puderam propor mudanças através das cenas criadas. Esse também é um ótimo ponto de partida para que se possa ampliar o debate e as situações onde essa opressão se dá na sociedade, como por exemplo, falar sobre a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho ou a sobrecarga das mulheres na esfera doméstica. O que já possibilita entrar no campo do entendimento das construções sociais e os investimentos feitos para que cada pessoa possua determinado papel na sociedade.

Além dos temas que podem ser abordados, vale ressaltar a escolha de trabalhar com a linguagem teatral como uma ferramenta de expressão, justamente porque o teatro pode ser esse lugar da ação, do fazer acontecer, do protagonismo, e da criação de imaginários que, apesar de serem sempre a partir de nossos contextos de vida e nas referências que temos, podem romper as barreiras. Apesar de não ter sido mencionado nem trabalhado com as pessoas estudantes em momento anterior, essa proposta vai de encontro com as práticas de Teatro do

Oprimido⁹, criado pelo Augusto Boal. Bárbara Santos ao falar sobre sua experiência com o teatro do oprimido¹⁰, diz que nesse teatro:

A gente representa esse real e a gente busca a conversa, a troca de ideias e a troca de experiências sobre esse real. Ou seja, eu vivo o real, eu olho pro real com olhos críticos, eu represento o real e eu te pergunto como é que a gente pode fazer para tornar isso mais fácil, melhor, como é que eu posso transformar esse real em uma realidade que seja mais acessível pra mim, que seja melhor pra minha vida. (trecho retirado do vídeo Teatro do Oprimido e Educação - Entrevista com Bárbara Santos)

Ela aponta o uso do teatro do oprimido na educação como uma ferramenta que possibilita colocar em pauta temas para debater, como aconteceu justamente na experiência da atividade 1, apesar de não ter sido usado de maneira proposital, mas que ainda assim, houveram vários pontos de encontro com esse método teatral. Uma metodologia que, como o próprio nome sugere, busca mudar a condição de quem se encontra na posição de oprimido por alguma desigualdade social, que nasceu em um contexto histórico específico, abrangendo principalmente as reivindicações dos movimentos sociais e de trabalhadores, porém que ganhou uma dimensão muito grande, se atualizando de acordo com as necessidades de cada época. Atualmente, existe um grande número de coletivos que usam deste método para falar sobre as opressões de gênero, como é o caso do Teatro das Oprimidas - Rede Magdalena Internacional, cujo a fundadora é a Bárbara Santos, o que também se aproxima da atividade analisada.

Na atividade 3 é possível perceber uma proposta similar, apesar de serem utilizadas linguagens artísticas diferentes para que a mesma se concretize. Ambas as atividades partem das vivências e percepções das pessoas estudantes. Enquanto na atividade 1 a representação se dá por meio da cena, na atividade 3 essa representação ocorre através do desenho. Porém, existe uma diferença entre a representação do real, do que é vivido pelas pessoas ali presentes, como é feito na

⁹ O Teatro do Oprimido é um método teatral criado por Augusto Boal nos anos 1970, que tem como foco a utilização do teatro como uma ferramenta de transformação social.

¹⁰ O vídeo completo pode ser acessado através do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=HKAAy33tYP4>

atividade 1, e a representação de um imaginário, de uma ideia do que é a realidade de um outro grupo social, como é feito na atividade 3.

Vale ressaltar que mesmo que a ideia da atividade seja representar pessoas lgbtqia+ por meio do desenho para desconstruir estereótipos posteriormente, a escuta e atenção ao que será representado é o que vem primeiro. É levado em consideração a atitude de não reprimir o imaginário e não julgar essas percepções, uma vez que nessa faixa etária muito do que se sabe é o que se ouviu falar, não necessariamente houve um contato com tais temáticas através de fontes confiáveis. Este é um momento de formação e é nesse espaço que as dúvidas podem ser expressas. Claro, que como Kleiton disse, é importante enfatizar desde o início que a escola é construída a partir dos princípios dos direitos humanos e não irá tolerar discriminações.

Enquanto as atividades 1 e 3 priorizam, no primeiro momento, a escuta e as percepções já construídas pelas pessoas estudantes para depois aprofundar o debate e desconstruir algumas percepções ou reiterar alguns marcos relevantes, as atividades 2 e 4 chegam com uma importante carga de informações, possivelmente, ampliando o repertório e desafiando os conhecimentos já adquiridos.

Na atividade 2 ao falar sobre lugar de fala, se sensibiliza para a importância de saber escutar as outras pessoas, de ter empatia e entender a diversidade de realidades existentes. Além disso, é uma oportunidade de ampliar o vocabulário e os conhecimentos sobre as diversas categorias de orientação sexual. É um espaço para entender de fato o que significa a sigla LGBTQIA+, como o próprio Kleiton disse que foi, pois todas as pessoas tinham muita curiosidade em saber o que significa exatamente cada letra da sigla. É importante que a atividade seja conduzida de forma leve para que seja possível chegar no lugar de trocas e sensibilização e não cause o efeito oposto.

A atividade 4 caminha pelo viés de estudar os marcos históricos das lutas e conquistas de direitos, o que possibilita uma abordagem crítica da construção do ensino de história nas escolas e o início da compreensão de que não existe uma história universal, mas sim recortes e percepções acerca do que se pretende reiterar e do que se pretende excluir ao contar uma história, inclusive, utilizando o mecanismo de invisibilização da história de algumas populações, o que dialoga com a atividade 2, que aborda o que é lugar de fala.

4. A partir da experiência: para onde podemos ir?

Algo que me chamou atenção dentre os vários temas que foram mencionados na entrevista com Kleiton, foi a respeito do espaço de formação utilizado por docentes para planejar atividades como as mencionadas no capítulo anterior. Na escola em que Kleiton trabalha, esse espaço se chama Projeto Especial de Ação, e é assegurado aos docentes das escolas da rede municipal de ensino (de São Paulo). Ele explica que,

Esse era um momento de formação continuada dos professores, sendo assim aplicada na prática e com muita efetividade, e ali eram as trocas de diversas experiências. Desde os professores mais jovens como eu que estão dentro da discussão¹¹ e que vão ter muitos referenciais, mas também dos questionamentos dos professores que não estão tão ligados ali, mas tem um outro lugar, um outro olhar para educação, e aí era uma conversa que fluía muito bem. (OLIVEIRA, 2021, informação verbal)

Um dos pontos que me parece dificultar que docentes possam criar atividades nesse sentido, é justamente a falta de espaços de debate e formação direcionadas a docentes, por isso é interessante que Kleiton menciona a forma como é utilizado esse tempo na escola em que trabalha, pois é nesse momento que o REI é elaborado. Como acontecem diversas trocas entre professores, é possível compartilhar experiências como um ato formativo para todas as pessoas ali presentes, e isso reflete no ensino ofertado às pessoas estudantes. Kleiton também aponta que “por sorte, na escola em que eu trabalho acho que a equipe que se forma lá é uma equipe que participa, que se entrega e que se dedica bastante.”

A partir desta fala, gostaria de ampliar o debate sobre a importância de existir no Brasil uma política que incentive e garanta que docentes possam e tenham ferramentas para assegurar o direito de crianças e adolescentes a terem acesso a conteúdos que abarquem os temas de gênero, corpo e sexualidade. Pois é possível compreender que o Brasil não só carece de um documento de referência para trabalhar tais questões, como muito pelo contrário, existe todo um movimento que tenta inviabilizar a abordagem de tais conteúdos. Se hoje os mesmos são

¹¹ Nesse momento Kleiton fazia menção ao debate de gênero e sexualidade.

trabalhados por docentes, é uma ação que parte da própria escola ou da percepção de tal importância pelo próprio profissional da educação. Isso nos coloca em um lugar muito delicado, porque essas ações ainda acontecem de maneira “isolada”, no sentido de que não é a maior parte das escolas que o fazem ou não há um consenso sobre como devem ser abordadas. Mais uma vez, é necessário reforçar que simplesmente decidir não abordar um assunto, é também uma forma de ensinar. De acordo com Larralde,

“El silencio habla. Les estamos diciendo a los niños y niñas que aquello que sienten, viven y desean debe ser reprimido. No solo los estamos dejando expuestos a peligros, sino que les estamos negando la posibilidad de un desarrollo integral como personas, sujetos deseantes.” (2018, p.15)

É importante que haja autonomia para que as escolas possam escolher quais temas serão trabalhados em seu currículo, mas ao mesmo tempo, é substancial que seja um compromisso coletivo não reiterar mais os padrões excludentes que até então eram reiterados e não silenciar as dúvidas, inquietações e colocações que possam surgir por demanda das pessoas estudantes. Ao invés dos documentos oficiais serem usados para intimidar docentes, poderiam ser usados para motivá-los em abordar temas relacionados ao gênero e sexualidade. A motivação e sensibilização para que docentes entendam a necessidade de trabalhar tais temas de maneira responsável, poderia ser feita a partir da oferta de formações, como é feito na Argentina, onde é aprovada a Lei de Educação Sexual Integral.

Uma das perguntas que me fiz durante a escrita deste trabalho é: Se no Brasil fosse lei, assim como na Argentina, o direito das crianças e adolescentes a receberem educação sexual integral, as escolas realmente incorporariam tais conteúdos em seus currículos? Ou haveria maior investimento em formação para docentes? Uma maior difusão e compilação de materiais de apoio, como a que vi na minha experiência na Argentina, existiria?

Estas são perguntas de difícil resposta, uma vez que não existe uma lei similar a Lei de Educação Sexual no Brasil, pelo menos não do princípio de uma educação sexual baseada na equidade de direitos, inclusão e partindo de uma

perspectiva do corpo não só visto do ponto de vista da biologia, mas sim de maneira realmente integral, como é defendida neste trabalho e como é feito nas experiências vistas no capítulo anterior. No entanto, a partir da experiência do país vizinho, posso imaginar que atividades como as realizadas na escola em que o professor Kleiton trabalha, não se dariam de maneira pontual ou que ao menos, muitas outras escolas poderiam viver a mesma experiência. Larralde compartilha que,

A partir de la sanción, en el año de 2006, de la Ley 26150, de Programa Nacional de Educación Sexual Integral (ley ESI) y de la aprobación de los Lineamientos curriculares para implementar dicho programa, en 2008, el estado busca garantizar que aquella enseñanza desarticulada, que se daba solo en algunas escuelas y según la voluntad de cada docente o directivo, pase a ser política pública. En su primer artículo, la ley ESI establece que “(t)odos los educandos tienen derecho a recibir educación sexual integral en los establecimientos educativos públicos, de gestión estatal y privada. (2018, p.16)

Claro que existe uma distância entre garantir esse direito e efetivá-lo de fato, mas ter onde recorrer, onde se assegurar para não ser criminalizado por ensinar algo que é considerado um direito, é o básico. Infelizmente, não é uma garantia que as pessoas docentes possuem hoje em nosso país. Posto isto, aponto que ainda há dificuldades em difundir e sistematizar propostas relacionadas ao olhar para o corpo, o gênero e a sexualidade. Ainda que haja muitos trabalhos sendo realizados que merecem ser relatados e visibilizados, também existe uma carência de formação sobre o que poderia ser abordado em cada faixa etária, por exemplo.

As gerações às quais pertencem grande parte das pessoas docentes em exercício hoje, não receberam enquanto estudantes, uma formação de educação sexual conforme os princípios defendidos neste trabalho. Então é normal que haja dúvidas sobre o que ensinar, sobre quais propostas são interessantes para abordar determinado assunto ou quais materiais usar como apoio.

Posto isto, ressalto a importância de momentos como os relatados pelo professor Kleiton, que cria possibilidades onde a escola coloca em prática a valorização à diversidade, a garantia dos princípios defendidos pelos direitos humanos, o acesso à informação e conhecimento tanto por parte das pessoas docentes quanto por parte das pessoas estudantes. Essa experiência mostra que é possível e necessário mudar as estruturas escolares, tendo mais momentos para as

dúvidas e inquietações, para as trocas e a escuta das diversas realidades existentes nesse contexto.

5. Considerações finais

Neste trabalho escolhi um caminho a ser percorrido: entender como a educação tem abarcado e abordado o que tange ao gênero e sexualidade. Trazer a experiência concreta realizada por docentes em uma escola pública de São Paulo como forma de sistematizar tais atividades para serem utilizadas como referência. Por fim, apontar a partir da experiência de um país vizinho (Argentina), e da nossa própria experiência (Brasil), o que poderia ser transformado para que existisse uma maior valorização de propostas como as feitas na escola de Kleiton e que ganhassem uma maior amplitude em âmbito nacional.

Ao percorrer esse caminho pude perceber a importância da escola para que valores como a diversidade e a inclusão sejam incorporados de fato na vida das pessoas. A experiência relatada no segundo capítulo, impactou não só docentes e estudantes, mas também seus familiares e ciclo de convivência, o que reflete muito bem essa potencialidade. Além disso, reforça a ideia de que trabalhar gênero e sexualidade abarca um universo de possibilidades, onde as crianças e adolescentes podem não só lidar melhor com os seus próprios corpos como também aprender sobre respeito e valorização do espaço do outro e do modo de viver das outras pessoas.

É importante que propostas para trabalhar as temáticas em questão sejam sistematizadas e difundidas como uma forma de fortalecer tais trabalhos e ampliar seu alcance. O que faz com que se saia do campo da discussão teórica e comecemos a relacionar mais o que aprendemos nas teorias com a abordagem prática. Afinal, a teoria é criada a partir de uma prática social e do olhar crítico para a mesma, sendo assim ambas estão sempre relacionadas, não existe uma divisão de fato. Mas é importante que esses debates e conhecimentos produzidos sejam levados adiante e possam ser acessados pela população, como uma forma de melhorar a vida e romper com ciclos de violência e exclusão.

Referências

BARBOSA, Mirtes; CARVALHO, Rodrigo. **Tempos, espaços e o disciplinamento dos Corpos nas Práticas Escolares**. Itajaí: Contrapontos, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-71142006000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 dez. 2021.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Lugar de sexo é na escola? sexo, sexualidade e educação sexual**. Curitiba: Cadernos Temáticos Sexualidade, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURLANI, Jimena. **Encarar o desafio da educação sexual na escola**. Curitiba: Cadernos Temáticos Sexualidade, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.

hooks, bell. **EROS, erotismo e o processo pedagógico**. Ensinando a Transgredir - A Educação Como Prática da Liberdade. São Paulo: WNF, 2018. cap. 13, p. 253-264.

hooks, bell. **Educação feminista para uma consciência crítica**. O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras. São Paulo: Roda dos Tempos, 2018. Cap. 4, p.41-48.

JUNQUEIRA, Rogério. **Ideologia de gênero existe, mas não é aquilo que você pensa que é**. In: EDUCAÇÃO Contra a Barbárie. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LARRALDE, Gabriela. **Diversidad y género en la escuela: 150 libros y recursos para abordar la Educación Sexual Integral (ESI)**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: [s. n.], 2018. 336 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação**. [S. l.: s. n.], 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012/8865>. Acesso em: 14 fev. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. Labrys, estudos feministas, n.1-2 julho/dezembro 2002.

Apêndice

Transcrição da Entrevista com Kleiton Oliveira

Jennifer: Kleiton, em primeiro lugar eu gostaria que você se apresentasse e falasse um pouquinho da sua trajetória enquanto educador.

Kleiton: Eu sou o Kleiton, sou formado em letras, então sou atualmente professor de língua portuguesa. Já permeei muitos espaços educativos, principalmente de cursinhos comunitários, porque eu fui aluno de cursinho comunitário e até hoje trabalho em cursinhos comentários em Guarulhos, que é a minha cidade. Também trabalhei no museu catavento uma experiência muito legal de educação não formal, onde eu pude trabalhar com áreas que não eram tão afins com meu curso, mas que tinha todo um amplo espaço de educação e de intervenção que era aberto para isso. Aí eu ingressei na prefeitura, o que seria meu primeiro trabalho formal dentro de uma educação formal de língua portuguesa em 2018. Eu trabalhei primeiro em uma escola que ficava na Mooca, depois eu fui para escola que ainda estou hoje na Freguesia do Ó.

Jennifer: Você trabalha com quais anos?

Kleiton: Eu trabalho com ensino fundamental II, então entre o 6º e o 9º ano, entre os 12 e 15 anos de idade.

Jennifer: Nessa faixa etária você sente já, que dentro desses espaços (quadra, biblioteca, salas de aula), você sente que as divisões dos espaços é determinada pelo gênero das crianças e adolescentes ou pela da orientação sexual? Tem alguma divisão que se nota que seja orientada por essas questões?

Kleiton: Eu acho que é o clássico que a maioria dos professores vai falar, que é a quadra que é um lugar muito dado não pela organização da escola mas por uma dinâmica dos próprios alunos, que é o lugar de menino. Então a minha escola, ela tem espaço onde tem duas quadras, uma que tem a metragem mais comum e outras que é menor, e essas quadras na hora do intervalo deles, elas são liberadas para eles poderem brincar jogar essas coisas, e o professor de Educação Física começou a fazer uma organização dos dias que a quadra seria para os meninos e o dia que seria as meninas, porque as meninas não tinham espaço algum de jogar, porque os meninos ocupavam de uma forma muito impositiva e não dava para jogar. Inclusive, mesmo nos dias delas, acontecia deles chegarem e ocuparem a quadra do mesmo jeito e aí começava aquela briga... Então várias intervenções do professor de educação física, que é mais ou menos quem organiza isso, precisava ser feito para que eles respeitassem. Quando eu soube disso eu tentei fazer uma intervenção, ao chegar lá eu realmente presenciei os meninos tentando tirar as meninas, e o argumento que eles falavam “é que elas nem sabem jogar, professor, então elas estão desperdiçando o espaço”, então ali espaço é um espaço muito delimitado. Agora, fica o questionamento, o que seria o espaço das meninas? Teria algum espaço só para elas?

Normalmente não é um espaço físico mas é um espaço de ocupação de alguma atividade, normalmente quando a gente vai fazer uma organização de um evento (antes da pandemia), por exemplo, vai ter uma festa, ou uma organização de algum trabalho em que a família vai estar lá, a grande maioria das pessoas que iam e que compunham esse espaços eram meninas. Então para mim era muito essa divisão, se a esporte é um lugar masculino, se é um lugar da organização é um lugar feminino

Jennifer: Você falou que o professor de educação física intervinha nessa situação[...], e teve algum momento que teve uma atividade mista?

Kleiton: Nas aulas dele, eu já presenciei que quando tem o interclasse, ele misturou porque os times femininos eram mais esvaziados, então não tinha gente suficiente e misturava com os meninos, mas só nesse momentos muito pontuais, acho que dependendo da atividade que ele coloca na aula eu já vi ele mesclando, mas não quando são os esportes mais convencionais futebol, basquete, handebol (acho que

o vôlei mistura). Mas tem um evento que chamou muita atenção que foi a festa junina de 2019, que nesse evento quando ele estava ensaiando para fazer a quadrilha, eu vi que tinha menino dançando com menina, menino dançando com menino (do 6º ano, eram bem novinhos) então não conseguiam fazer dupla, ele juntava com os amigos, e como eles não são tão crianças, eu me surpreendi. Achei muito bacana eles não se importarem de dois meninos estarem de braços cruzados. Eu também não vi nenhum tipo de gozação, não na minha presença.

Jennifer: Quais foram as ações que vocês trouxeram para escola, o grupo de educadores, que pautaram essa questão de gênero e sexualidade?

Kleiton: O Projeto Político Pedagógico da minha escola é muito voltado para a questão dos direitos humanos e as questões sociais, então isso permeia muito das nossas reuniões pedagógicas. Então a gente fez um trabalho em 2019 - no qual eu participei, a gente se dividiu em grupos - em que eu participei de dois trabalhos: o primeiro semestre foi feminismo, a temática em que eu estava, e o segundo, do segundo semestre foi LGBTQIA+. Esse projeto nós chamamos de Rei na escola, que é um roteiro de estudos interdisciplinares. Esse projeto, o REI, ele muda a configuração comum da escola, ele muda como a gente mescla com os alunos do 7º ao 9º ano que é o ciclo autoral, dentro dos ciclos do ensino na escola pública, que se dividem em alfabetização do 1º ao 3º interdisciplinar do 3º ao 4º e autoral do 7º ano ao 9º. A gente mescla os alunos a partir de uma organização entre alunos que têm um rendimento melhor, dentro da questão da produção e da discussão, com alunos que têm rendimento menor, para tentar balancear e fazer com que eles se ajudem, e justamente mesclando as idades isso faz com que isso dê um outro contexto, porque, por incrível que pareça, os alunos se respeitam muito mais entre eles do que respeitam o professor. Então quando um aluno do 9º ano dava uma bronca em um aluno do 7º, esse aluno ficava quieto. Quando eu dava uma bronquinha no aluno do 7º ano, ele ficava quieto por dois minutos e depois voltava. E aí dentro dessa mesclagem cada grupo de professores trabalhava com algumas temáticas. Como eu falei, no primeiro semestre a temática com que eu trabalhei foi sobre a questão do feminismo. Foi um trabalho muito legal, foi meu primeiro trabalho fora do eixo comum do currículo, porque o currículo da cidade de São Paulo ele dá a abertura para você trabalhar com muitas temáticas, mas a gente acaba

sempre muito fixo dentro de uma coisa normativa, então quando a gente parou, pensou, construiu a temática, foi muito incrível essa oportunidade de falar. Tanto que foi no Rei feminismo que as meninas apresentaram isso sobre a desigualdade em relação ao uso da quadra, porque até então não tinha dimensão de que isso acontecia, porque era no horário de intervalo e no horário do intervalo, eu também estou em intervalo, eu não tinha conhecimento disso. Tive pelo relato delas, que na abertura para falar sobre desigualdade entre homens e mulheres elas se localizaram muito dentro do espaço escolar, dentro dessa desigualdade de onde elas não conseguiam ocupar da mesma forma, com o mesmo aproveitamento dos meninos.

No segundo semestre eu fiz o projeto LGBTQIA+, que para mim foi um prêmio, foi muito gostoso. Nos dois eu aprendi demais, mas esse acho que foi onde pude dar muito mais de mim dentro das dinâmicas, até porque era um tema que eu estava mais associado por uma questão de locus social. Nesse tema a gente fez uma dinâmica, que foi uma das dinâmicas que mais ficaram gravadas. A gente espalhou plaquinhas com diversas orientações sexuais pela sala, nós não deixamos a heterossexual. Essa foi a proposta. A proposta pedagógica era fazer um ato provocativo, que essa provocação é que a gente se subentende que a grande maioria vai se reconhecer como é heterossexual e a gente queria criar um desconforto. E queríamos tirar duas reflexões, que seriam: 1) Um nome em uma cadeira define quem você é?; e a segunda reflexão que é : A partir dessa dinâmica, você sentiu falta de uma cadeira hetersexual? Então se você sentiu falta disso, você está entendendo o que é a representatividade na sua raiz, na veia, porque se você não está se sentindo representado por que a sua sexualidade não está aqui marcada, a gente também tem que saber entender o quanto a representatividade é importante para as outras pessoas que não se enquadram dentro heterossexualidade. Essa dinâmica Jennifer, foi uma coisa que criou muita insegurança para nós porque a gente tinha muito medo de como que eles iam reagir a isso, e impressionantemente, que eu fico feliz de me surpreender, Foi muito mais brando, muito mais calmo e muito menos agressivo do que eu imaginava. Houve alunos (poucos) que se recusaram a entrar na sala? Houve. Isso eu não posso tirar. Teve um ou outro aluno que eles entraram, eles viram do que era e eles, inclusive, foram embora da escola. Depois teve que chamar o pai e falar o que aconteceu, o que eles fizeram, porque nem os pais tiveram conhecimento, porque a gente só teve conhecimento quando viu que eles não estavam na escola e que eles deveriam

estar na sala e eles não estavam. Mas no geral foi muito positivo, inclusive, quando eu perguntei para eles se eles sentiram a falta da cadeira heterossexual a maioria falou que não. Só uns falaram que sim, falaram que “se tem a sexualidade de todo mundo, cadê heterossexual?”. A partir daí que foi a ideia, o ponto de partida para gente fazer essa discussão.

Na outra atividade a gente queria que eles desenhassem como eles imaginavam uma pessoa LGBT. Isso parece ser bem bobo mas na verdade o resultado foi muito legal, porque é muito interessante ver as perspectivas, porque umas perspectivas estão muito ligadas a estereótipos extremamente pejorativos. Então vai desenhar uma travesti de uma forma caricatural, muito grotesca. A mesma coisa com um gay. Mas ao mesmo tempo tiveram obras, quase obras de artes, assim desenhos muito belos que tinham outros referenciais de pessoas lgbs que eles conhecem. Então essas propostas de discussões também vinha no lugar da informação que era conseguir fazer com que o aluno conseguisse entender a diferença do que é sexo biológico, do que a identidade de gênero e do que é orientação sexual. Fora explicar o que que era a sigla, né. Porque quando a gente vem com uma sigla desse tamanho – LGBTQIA + – eles queriam saber, eles são curiosos.

Essa proposta ela é uma coisa que eu tenho muito orgulho de ter participado porque ela não fez que apenas com que os alunos aprendessem, mas muitos dos professores, inclusive eu, que tava numa faculdade de artes, inserido nessa discussão, mas não tinha conhecimento tão aprofundado sobre muitos pontos específicos dessa temática. Então acho que isso abrangeu muito a gente conseguir discutir e aprender em conjunto, porque foi trabalho de aprendizagem coletivo e foi isso eu achei mais proveitoso ainda.

Eu achei mais proveitoso ainda o REI LGBTQIA+ do que o REI Feminismo, mas as duas propostas eu acho que elas fluíram muito bem, tendo ótimos trabalhos finais. Ah, os trabalhos finais eu acho importante falar. Então nas duas propostas a gente queria que os grupos de alunos produzissem um trabalho final. No Rei feminismo a gente propôs que eles fizessem uma cena teatral, que foi muito legal porque eles mesmos que se organizaram e foram para diversos tipos de linguagens teatrais que não foram passadas pra eles, foi totalmente espontâneo, a partir dos próprios referenciais deles e foi muito legal, porque a gente só falava assim “Vocês têm que ter uma situação problema em relação às desigualdades entre homens e mulheres e vocês precisam resolver essa situação problema nessa cena”. E aí eles

foram para diversos caminhos, é interessante quando você coloca o aluno para fazer a atuação porque às vezes você se surpreende com aquele aluno que é mais quieto e num estalo ele tá fazendo coisas assim incríveis. E a proposta de trabalho final do REI LGBTQIA+ foi a construção de um jogo, um jogo de trilhas. Uma proposta interativa, esse jogo de trilhas era para fazer um jogo de tabuleiro em que o início era quando se começou as discussões, e o estopim da que a gente apresentou como início foi a questão de Stonewall, que a gente passava esse dado histórico, da boate, de que muitas pessoas morreram por uma repressão homofóbica, lá nos Estados Unidos. E no final, a gente queria uma trilha de conquistas de direitos, essa era a proposta do jogo, então tinha que ter um início e um fim. E foram jogos incríveis com decorações maravilhosas, e na hora do jogo, o que foi mais lindo, foi que os alunos mais resistentes a discutir isso, o que seria talvez um tabu para eles, eles se dedicaram tanto, quando a gente pegou outro ponto para expressar esse trabalho, para discutir esse trabalho. Eles se infiltraram na discussão de uma outra forma, não assumidamente, por diversas questões, muitas ligadas a religião, a construção da família, que na minha escola como outras escolas públicas, muitas famílias são cristãs, evangélicas, então ainda tem um olhar muito conservador sobre isso. A repercussão dos pais, que acho que também é muito importante falar porque quando a gente trabalha com proposta dessas a gente fica muito inseguro com como os pais vão reagir, mais do que com os alunos, porque querendo ou não a gente tem uma relação de convivência com os alunos, que ameniza qualquer tipo de atividade agressiva perante ao que o professor estão propondo. Já os pais estão completamente descontextualizados e dessensibilizados da nossa relação... E foi de boa, foi muito de boa. Os únicos dois questionamentos que eu fiquei sabendo foi de pais estavam questionando se isso era algo que o fundamental I também iria participar, mas o fundamental II, olharam assim para o fundamental II como “beleza, eles são mais velhos então ok”. Houve também um burburinho de pais que estavam questionando a legitimidade disso, o que isso tinha a ver com o currículo da cidade, mas nada foi muito adiante... Porque, Jenni? Aí eu faço uma defesa, porque o trabalho foi tão bem estruturado, tão bem feito e teve uma resposta tão positiva dos alunos, que acho que os pais não tinham nem o que ir lá falar, porque se os alunos chegavam aprendendo e gostavam, o que os pais iam lá se meter nisso? Também rolava um constrangimento moral em relação a uma proposta educativa mesmo se eles fossem contrários.

Jennifer: Então os pais tiveram acesso aos jogos? Eles podiam levar pra casa?

Kleiton: Tem uma coisa na prefeitura que é o que se chama de culminância ou feira de ciências, feira educativa, que seria o evento onde vários trabalhos que os professores fizeram ao longo do ano com os alunos, eles seriam expostos para os pais. E o REI, os jogos que foram feitos pelo REI LGBTQIA+ eles foram expostos, então a gente montou uma sala –que não sei se eu tenho mais fotos – que ficou linda, na sala a gente fez, a Thaís que era a professora de História que estava comigo, ela montou uma cortina, nós e os alunos montamos uma parede inteira enquadrada com as cores da bandeira, porque a ideia era fazer uns muros que nem dá Stonewall, e aí foi muito engraçado porque era pra pintar de vermelho para representar os muros, e aí eu lembro que eu dei a tinta guache e eu sai para pegar alguma coisa, quando eu voltei eles já estavam pintando com qualquer cor, ai eu tive um susto porque na minha cabeça já tava organizado, era para pintar aquilo de vermelho. Quando eu olhei aquilo, eu falei “ O que que vocês tão fazendo?” eu fiquei branco, porque a tinta era da Thaís, não era nem material da escola. Mas são acidentes que acontecem que são incríveis porque a ideia de pintar com as cores da bandeira ficou muito melhor do que pintar de vermelho. Ficou lindo, e foi um momento assim, de todos alunos estarem muito engajados, e aí foi um lugar de tanto meninos quanto meninas (mas mais as meninas). Mas foi surpreendente ver os meninos com falar mais machistas e homofóbicas estavam lá pintando as bandeirinhas lgbt's como algo normal que é, é só pintura. No dia da culminância, os pais foram lá, e o que os alunos mais queriam era que os pais jogassem os jogos dele, que foi um processo criativo e que eles tinham orgulho do processo criativo. Foi muito bacana e os pais foram lá jogaram, aprenderam muito, porque eles foram lá provavelmente eles perguntaram para os filhos as sexualidade que estavam lá expostas e que eles não sabiam. Ou então os filhos já chegavam falando : Olha pai, isso aqui é isso, isso aqui é aquilo, e foi assim, não teve nada de embate no dia dessa apresentação. Também não foi uma coisa assim que tava sempre muito cheia sala ,era um lugar mais contemplativo, eles chegavam lá, jogavam um pouco r e logo saíam. Ao todo o resultado foi muito positivo.

Jennifer: Você falou dos jogos e agora eu queria muito ver....É o jogo que toda escola precisava ter.

Kleiton: Então Jenni, eu vou ver se eu recupero essas fotos e vou perguntar para a coordenadora se ainda existem esses jogos, porque se eles ainda estiverem lá, eu posso mandar as fotos para você. Você vai ver que eles são bem legais, sabe?

As ideias que eles deram, só a nível de exemplo, “o casamento gay foi liberado avance cinco casas”, “seu pai te expulsou de casa porque você se assumiu gay, retorne quatro casas”, então era mais ou menos essa dinâmica, tudo que é positivo avança, tudo que é negativo retrocede.

Jennifer : Então só para tirar uma dúvida, o rei ele acontece por semestre?

Kleiton: A ideia é que sempre seja uma vez por semestre, porque como ele muda a configuração da escola, eu não sei se eu expliquei direito, mas assim existem dias da semana que são apontados como os dias do Rei. Nesses dias a configuração da escola muda, então o ciclo autoral, as aulas vão se misturar, se mesclar, e toda aula daquele dia vai ser dentro do universo da temática daquele Rei. Então vamos supor, cinco dias da semana, de segunda a sexta, em uma determinada semana vai ter o rei na terça e na quinta, e nesses dias o horário é simplesmente esquecido (o horário comum). O que eu achei assim algo muito incrível dessa proposta é porque é mais de um professor trabalhando na sala com a mesma temática, isso eu acho muito bacana, porque são aulas compartilhadas, trabalhos totalmente em grupos. Uma coisa que foi muito inspirada na escola da ponte do José Pacheco, então é uma proposta muito ativa, de outro título tipo de vínculo de educação, onde diversas linguagens disciplinares estão se conectando dentro de um lugar-comum. Só que isso interfere, querendo ou não, no cronograma habitual do currículo, por isso a gente marcava sempre um para cada semestre. Aí ano passado, o que aconteceu? Teve a pandemia, isso foi um problema porque a gente perdeu totalmente o contato com os nossos alunos. Só que a gente produziu um material de audiovisual, onde só foi uma produção dos professores, um lugar mais informativo, mas que também foi algo incrível. Novamente eu falo que se aprendi muito com o REI LGBT e o Rei Feminismo, nesse eu aprendi editar vídeos (risos), por causa desse processo desse REI. E do ano passado o Rei foi sobre racismo, porque era a pauta que estava

emergente, principalmente por causa da morte do Jorge Floyd, por causa do assassinato dele. Então era o tema que a gente precisava trabalhar naquele momento com os alunos. Depois a gente veio com a importância da ciência, muito vislumbrando esse lugar das Fake News e da importância das vacinas. Mas aí esses Reis foram bem diferentes. Eles foram muito menos dialógicos, no sentido que eles foram mais uma exposição dos professores, não teve tanto um contato, um retorno dos alunos, uma participação deles, até porque a gente não tinha muito contato com muitos deles. Mas foram materiais incríveis que, inclusive, hoje em aula, eu tava lendo um conto do Reginaldo prandi para eles, foi um dos textos que a gente usou para falar sobre a questão da mitologia africana e a questão da intolerância religiosa no Rei anti racismo, eu estava recuperando esse vídeo que foram trabalhos muito bons que surgiram. E é isso o rei é esse projeto que acontece ocasionalmente, agora esse ano não aconteceu por causa dos seis meses que a gente passou em greve e esses seis meses de retorno onde estamos tentando recuperar muitas coisas então não conseguimos desenvolver. Mas provavelmente ano que vem estando mais normalizado, acho que a gente vai voltar a trabalhar essas temáticas.

Deixa só me explicar mais uma coisa porque eu falei do Rei feminismo e o Rei LGBT mas esses eram os que eu participava. Em cada um desse semestre teve três temáticas, então o do feminismo estava junto com violência contra as crianças e depressão, e no do REI LGBT ele estava junto com jogos, a temática era jogos, em todos os aspectos de jogos, e porte de armas. Então esses foram outros temas que estavam dentro dessa questão do vínculo social, e que foram trabalhadas. E a organização do Rei fazia com que eles fizessem um rodízio, então eles passavam dois dias por cada tema, eram sempre as mesmas atividades que os professores propunham, mas sempre para grupos diferentes. Então tinha duas etapas, a etapa 1 etapa 2 do Rei, aí passando essas duas etapas eu pegava um novo grupo, então mais ou menos a duração do rei era de um mês, umas três semanas e meia como a gente conseguia dividir e espalhar essas aulas pelo calendário.

Jennifer: Então tem mais ou menos 6 temas por ano? E como é feita, tem alguma consulta popular (risos) ou o corpo docente que escolhe de acordo com a demanda? Como funciona ?

Kleiton: Exceto esse Rei que eu acabei de mencionar do ano passado, que nós não

tínhamos contato com os alunos, então a proposta foi do corpo docente em relação às temáticas que estavam muito em voga na mídia, nas redes sociais e na internet. Nos outros anos sempre rola uma votação, cada coordenador de sala fica responsável por elencar temas que eles querem falar, e aí a partir desses temas rola uma votação. Então os temas mais votados pelos alunos, eles vão para a questão da administração dos conteúdos. E aí lá os professores se dividem entre as áreas, entre o que se identificam mais, mas a princípio sim, todos os temas vieram dos alunos.

Jennifer: Então isso já ajuda a gerar engajamento, né. As temáticas estavam bem cotadas. Legal. Então, em relação a isso, você até falou que você buscou informação, o próprio processo de elaboração das atividades foi um processo formativo para equipe, vocês se mobilizaram para que isso acontecesse... E eu queria saber onde vocês, você pessoalmente, busca formação, porque aparentemente pelo que a gente tem conversado, você tem um engajamento acerca das temáticas. Deu para perceber que você desenvolve muito bem sobre os temas, que você foi atrás, e como começa essa história da sua formação? Você até falou o *locus social* que te coloca numa posição de pesquisador do tema. Então eu queria que você contasse um pouquinho mais sobre essa história.

Kleiton: Esses temas muito me interessam exatamente por diversos meios em que eu estou, então quando apareciam os temas eu ia direto nesses, porque são as temáticas que mais me identifico, que são essas dos relacionamentos, das hierarquias sociais, como se criam essas hierarquias. P pessoalmente eu buscava muito material, eu tinha até um acervo bibliográfico da própria universidade, por exemplo, no feminismo eu fui usar a Chimamanda por causa da aula da Rita que inclusive eu nem participei, que era aula de didática, mas é que a turma inteira só falava disso, então eu fui atrás, tanto que no Rei do anti-racismo eu também fui atrás da bell hooks, que também foi uma questão da Rita que vocês sabiam, eu não participava dessas aulas mas eu escutava o que vocês estavam falando em relação a essas referências. Então eu era uma pessoa lá na escola que eu tinha muitos referenciais pelo fato de eu ainda estar na universidade, fazendo teatro, naquelas épocas no curso de arte teatro. Então isso me dava muito referenciais, outros professores que são professores mais velhos que eles não não tinham muitos

referenciais, mas ao mesmo tempo, eles estavam muito abertos para aprender, então contribuía muito para eu gostar muito dos temas e eu tava muito nesse meio da academia, esse meio de estar fomentando essas discussões, porque não é só no meio acadêmico, é o meio do teatro, que o teatro é uma área onde a gente vai dissecar a questão social, a questão dos relacionamentos sociais, então muito desses referências vieram do fato de eu ainda estar na universidade. Assim, estou pontuando isso porque eu estava, mas não que eu deixaria hoje de procurar as coisas por eu não estar mais na faculdade, que inclusive eu estou (risos) de novo na faculdade, estou na pedagogia.

Jennifer: Kleiton, então você sentiu que o corpo docente, mesmo talvez não tendo o mesmo repertório que você, estava disposto a acompanhar e a comprar a proposta. Teve alguém que não quis participar ou que se opôs dentro da equipe?

Kleiton: Não teve, Jenni, é que assim especialmente o rei anti-racismo houve alguns embates, não embates contrários, mas houve alguns atritos por falta de informação. Então muitas pessoas, principalmente os professores brancos, cometiam alguns deslizes por falta de conhecimento. Então foi esse lugar formativo do professor também, que às vezes vai fazer uma proposta que não é tão legal e que essa proposta não é tão legal porque a pessoa não tem ainda tanta informação sobre problemáticas sobre isso. Então nunca houve um lugar do professor se recusar, de se negar, na verdade todos os professores são muito participativos, inclusive, os que eu falei para você, os mais velhos que não estão incorporados dentro das suas temáticas. Mas no geral eram todos muito abertos e eu não quero que pensem que só eu que chegava com o material lá, todos chegavam, é que eu era muito empolgado, eu chegava com muita empolgação, porque eu adorava todos os temas. Eu queria falar de tudo, eu queria colocar os clipe da Gloria Groove, da Pablo Vittar no Rei, eu queria colocar documentários, pedaços de documentários... Então tiveram diversas propostas muito legais. Ah, o espaço de formação na prefeitura, nós temos um horário que é um horário que se chama Projetos de Educação e Aprendizagem, acho que é assim, agora me esqueci da sigla, mas é PEA. Esses horários do PEA são horários de formação contínua. Então na hora da elaboração do REI, a gente utiliza esse espaço que é um espaço de uma hora e meia, que antes era terça e quinta, então daria mais ou menos 3 horas de reunião

por semana para discutir, para debater e para apresentar ideias. Esse momento era um momento muito da formação continuada dos professores, sendo assim aplicada na prática e com muita afetividade, e ali era as trocas de diversas experiências, desde os professores mais jovens como eu que estão dentro da discussão e que vão ter muitos referenciais, mas também dos questionamentos dos professores que não estão tão ligados ali, mas tem um outro lugar, um outro olhar para educação, e aí era uma conversa que fluia muito bem, porque, por sorte, a escola que eu trabalho eu acho que a equipe que se forma lá é uma equipe que participa bastante, que se entrega e que se dedica bastante. `Por exemplo, amanhã vai ter a maior mobilização na minha escola por causa da semana da Consciência Negra conseguiram a peça do coletivo Negro do Rio de Janeiro, Negras palavras de Solano Trindade. Então vai apresentar amanhã, se já deu o maior mobilização, essa semana tava falando com eles, porque eu retornei ontem, então foi assim já retornei com pé na porta, 'já vou falar para vocês quem é Solano Trindade', porque quinta-feira vocês vão assistir uma peça sobre Solano Trindade. Então vamos lá, vou falar de Abdias Nascimento, vou falar de vários intelectuais e aí essa mobilização é bem participativa na maior parte dos professores da minha escola, é um ponto muito positivo.